



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 1

Há frases do Evangelho que consolam, abraçam e levantam a alma. Mas também há palavras de Cristo que estremecem, sacodem e nos obrigam a olhar para dentro de nós com sinceridade. Uma das mais fortes, mais diretas e mais temidas é aquela que aparece no livro do Apocalipse:

“Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas porque és morno, e não és frio nem quente, estou para vomitar-te da minha boca” (Apocalipse 3,15-16).

Estas palavras não foram dirigidas aos pagãos, nem aos inimigos de Deus, nem aos perseguidores da Igreja. Foram dirigidas a uma comunidade cristã: a Igreja de Laodiceia.

E é precisamente isso que mais nos deveria inquietar.

Cristo não está aqui a falar daqueles que nunca O conheceram, mas daqueles que dizem acreditar, daqueles que estão dentro, daqueles que parecem estar perto... mas vivem com o coração longe.

A tibieza espiritual não faz barulho. Não escandaliza. Normalmente não chama a atenção. É silenciosa, confortável, elegante e até socialmente aceitável. Mas precisamente por isso é tão perigosa.

A alma morna normalmente não se rebela contra Deus; simplesmente deixa de O amar intensamente.

E isso, no fundo, pode ser ainda mais grave.

Hoje vivemos numa época em que a tibieza espiritual se tornou quase uma norma cultural. Uma fé sem exigência, uma moral sem sacrifício, uma religião sem Cruz, uma espiritualidade sem conversão.

Muitos não rejeitam Deus; simplesmente relegam-No.

Não O negam; adiam-No.

Não O combatem; arrefecem-No.

E Cristo, que é Amor absoluto, não aceita ser amado pela metade.

Este artigo quer aprofundar este tremendo aviso de Nosso Senhor: o que significa a tibieza



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 2

espiritual, porque é tão perigosa, como reconhecê-la na nossa vida e, sobretudo, como sair dela.

Porque ninguém cai na tibieza de um dia para o outro.

Chega-se lá pouco a pouco.

E também se sai pouco a pouco... mas com decisão.

Laodiceia: a cidade à qual Cristo dirigiu este aviso

Para compreender melhor esta frase, devemos primeiro olhar para o seu contexto.

Laodiceia era uma cidade rica, próspera e autossuficiente. Tinha uma grande atividade comercial, bancos importantes e uma reconhecida indústria têxtil. Também era famosa por uma escola de medicina que produzia um colírio muito apreciado.

Era uma cidade orgulhosa de si mesma.

Quando sofreu um terramoto devastador no ano 60 d.C., recusou a ajuda do Império Romano porque considerava que podia reconstruir-se sozinha.

Era o símbolo da autossuficiência.

E é precisamente a essa comunidade cristã, instalada no conforto e na falsa segurança, que Cristo diz:

“Tu dizes: sou rico, enriqueci e não preciso de nada; e não sabes que és um infeliz, digno de compaixão, pobre, cego e nu” (Ap 3,17).

Aqui está o coração do problema.

A tibieza nasce muitas vezes quando deixamos de sentir necessidade de Deus.

Quando acreditamos que já estamos bem.



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 3

Quando pensamos que já não precisamos de conversão.

Quando nos habituamos a uma fé superficial que não transforma realmente a vida.

Laodiceia tinha água morna devido ao seu sistema de canalização: não era nem fresca como a de Colossos nem quente como a de Hierápolis. Era desagradável.

Cristo utiliza essa imagem quotidiana para expressar uma realidade espiritual profunda.

A fé morna produz náusea espiritual.

Não porque Deus deixe de amar, mas porque o verdadeiro amor não pode coexistir com a indiferença instalada.

O que é realmente a tibieza espiritual?

A tibieza não é fraqueza.

Não é cair e levantar-se.

Não é lutar e sofrer.

Não é ter tentações.

Não é sentir-se cansado.

Tudo isso faz parte da vida cristã.

A tibieza é outra coisa.

É a instalação voluntária numa mediocridade espiritual aceite.

É deixar de combater.

É fazer as pazes com o pequeno pecado.

É contentar-se com o mínimo.



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 4

É rezar sem alma.

É confessar-se sem verdadeiro arrependimento.

É comungar sem fome de Deus.

É viver uma fé de costume e não de amor.

A alma morna normalmente não comete grandes escândalos. O seu drama não é o incêndio do pecado visível, mas o gelo elegante da indiferença.

São Tomás de Aquino relaciona esta realidade com a acédia espiritual: uma tristeza da alma diante dos bens divinos.

A pessoa morna não encontra alegria em Deus.

Rezar pesa-lhe.

A Missa aborrece-a.

A exigência moral incomoda-a.

A santidade deixa-a desconfortável.

Prefere uma religião cómoda, controlável e sem demasiado compromisso.

Não quer abandonar completamente Deus, mas também não quer entregar-se totalmente.

Quer uma fé sem radicalidade.

E Cristo não veio fundar uma religião cómoda, mas salvar almas.

O grande engano: “Eu não sou assim tão mau”

Uma das frases favoritas da alma morna é esta:

“Bem... também não sou assim tão mau.”



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 5

E aqui aparece um dos enganos mais subtis do demónio.

Compararmo-nos com os outros em vez de nos compararmos com Cristo.

“Não mato.”

“Não roubo.”

“Não faço mal a ninguém.”

“Não sou pior do que os outros.”

Mas o cristianismo não consiste simplesmente em evitar grandes pecados.

Consiste em amar.

E amar exige totalidade.

Cristo não disse:

“Sede pessoas razoavelmente corretas.”

Disse:

“Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Não se trata de perfeccionismo neurótico, mas da vocação à santidade.

A tibieza reduz o Evangelho a uma moral de mínimos.

A santidade eleva-o a uma resposta de amor máximo.

Não basta não trair.

É preciso amar.

Não basta não ofender.

É preciso entregar-se.

Não basta evitar o inferno.



É preciso desejar o Céu.

A tibieza no nosso tempo: uma epidemia silenciosa

Talvez nunca como hoje a tibieza espiritual tenha sido tão normalizada.

Vivemos numa cultura do “mais ou menos”.

Mais ou menos acredito.

Mais ou menos rezo.

Mais ou menos pratico.

Mais ou menos sou católico.

Mais ou menos sigo Cristo.

Mas o Evangelho não admite meios-termos.

Hoje muitos procuram uma espiritualidade que não incomode.

Uma religião emocional, personalizada e sem renúncia.

Quer-se um Cristo terapeuta, mas não um Cristo Rei.

Um Jesus inspirador, mas não um Senhor que exige conversão.

Uma cruz decorativa, mas não uma cruz que seja preciso carregar.

Mesmo dentro da Igreja existe o risco de domesticar o Evangelho para o tornar socialmente aceitável.

Fala-se muito de bem-estar e pouco de pecado.



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 7

Muito de autoestima e pouco de penitência.

Muito de inclusão e pouco de conversão.

Muito de tolerância e pouco de verdade.

A tibieza moderna nem sempre nega a doutrina; muitas vezes simplesmente esvazia-a da sua urgência.

E um cristianismo sem fogo acaba por ser apenas um hábito cultural.

Sinais de que uma alma pode estar a cair na tibieza

Convém examinarmo-nos com honestidade.

Alguns sinais frequentes são:

A oração torna-se uma formalidade vazia

Reza-se por costume, sem atenção nem verdadeiro desejo de encontro com Deus.

Cumprimos fórmulas, mas o coração está ausente.

Justifica-se constantemente o pecado venial deliberado

“Não faz mal.”

“É uma coisa pequena.”

“Toda a gente faz.”

Assim se constroem correntes invisíveis.



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 8

Perde-se o horror ao pecado

Aquilo que antes doía agora parece normal.

A consciência adormece.

Evita-se todo o sacrifício

A Cruz incomoda.

A mortificação parece antiquada.

O conforto governa.

A confissão torna-se rara ou superficial

Não porque não haja pecado, mas porque já não há exame sério.

A Missa deixa de ser o centro

Vai-se se convém.

Se não, haverá outro dia.

A fé torna-se privada

Cristo fica fechado no íntimo, sem consequências reais na vida pública, familiar e moral.

Estes sinais não devem levar-nos ao desespero, mas à conversão.

Reconhecer a doença já é começar a curar.

Os santos e a sua luta contra a tibieza

Os santos falaram com enorme clareza sobre este tema.

Santo Afonso Maria de Ligório dizia que Deus tolera com paciência o pecador que luta, mas a



“Porque sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”: o perigo espiritual da tibieza que Cristo denuncia | 9

tibieza voluntária é especialmente perigosa porque a alma deixa de querer curar-se.

Santa Teresa de Jesus advertia:

“De devoções tolas nos livre Deus.”

Ou seja, uma religiosidade superficial, sentimental e sem verdadeira transformação interior.

São Josemaria Escrivá escreveu:

“A tibieza é a doença mais grave da alma.”

Porque enquanto o grande pecador pode converter-se dramaticamente, o morno costuma pensar que não precisa de mudar.

Santo Inácio de Loyola insistia no exame diário precisamente para combater essa instalação progressiva na mediocridade.

O santo não é aquele que nunca cai.

É aquele que nunca se habitua a cair.

Essa é a diferença.

Como sair da tibieza espiritual

Aqui está a grande esperança.

A tibieza não é uma condenação definitiva.

Cristo não denuncia para humilhar, mas para despertar.

Depois daquela frase duríssima do Apocalipse, Ele diz algo maravilhoso:

“Eu repreendo e corrijo aqueles que amo” (Ap 3,19).

A correção de Cristo nasce do amor.



Ele não nos sacode porque nos rejeita, mas porque não quer perder-nos.

Sair da tibieza exige decisões concretas.

1. Recuperar um sério exame de consciência

Não superficial.

Não automático.

Perguntarmo-nos verdadeiramente:

Amo Deus ou simplesmente administro-O?

Estou a lutar ou rendi-me?

Quero ser santo ou apenas parecer correto?

A sinceridade é o começo.

2. Voltar à confissão frequente

A confissão não é apenas para grandes pecados.

É medicina para a alma.

É uma escola de humildade.

É um fogo que quebra a crosta da indiferença.

Muitos redescobrem a sua vida espiritual quando voltam a confessar-se bem.



3. Rezar mesmo quando não apetece

A alma morna costuma esperar “ter vontade”.

Mas o verdadeiro amor não depende do entusiasmo.

A fidelidade vale mais do que a emoção.

Rezar quando custa purifica o coração.

4. Introduzir o sacrifício voluntário

Pequenas mortificações.

Renúncias concretas.

Disciplina interior.

O conforto perpétuo enfraquece a alma.

A Cruz aceite fortalece-a.

5. Procurar direção espiritual

Muitas vezes não vemos a nossa própria tibieza.

Precisamos de um olhar externo, sábio e fiel.

A vida espiritual não deveria ser vivida no isolamento.



6. Contemplar mais Cristo crucificado

Nada quebra mais a tibieza do que olhar seriamente para a Cruz.

Diante de Cristo crucificado, as nossas desculpas desmoronam-se.

Ele não foi morno ao amar-nos.

Não Se entregou pela metade.

Não sofreu superficialmente.

Amou-nos até ao extremo.

E quem contempla isso com verdade já não pode continuar a viver da mesma forma.

A Virgem Maria: o antídoto perfeito contra a tibieza

Maria nunca foi morna.

O seu fiat não foi moderado.

Foi total.

Foi radical.

Foi absoluto.

Ela não disse:

“Farei o que puder.”



Disse:

“Faça-se em mim segundo a tua palavra.”

Toda a sua vida foi disponibilidade.

Toda a sua existência foi ardor.

Toda a sua maternidade foi entrega.

Por isso recorrer a Maria é um remédio poderoso contra a mediocridade espiritual.

Ela não nos deixa acomodar.

Leva-nos sempre a Cristo.

Ensina-nos a responder com totalidade.

Uma alma mariana não pode viver confortavelmente na tibieza durante muito tempo.

Porque Maria empurra sempre para o fogo do verdadeiro amor.

Uma pergunta final que não podemos evitar

Ao terminar este tema, não basta admirar a força desta frase.

É preciso deixar que ela nos julgue.

Cristo não disse isto para decorar quadros religiosos.

Disse-o para que cada um se pergunte:

Sou frio?

Sou fervoroso?

Ou tornei-me morno?



A pior resposta não é reconhecer a nossa pobreza.

A pior resposta é não querer vê-la.

Porque o grande perigo do morno não é estar longe de Deus.

É acreditar que já está suficientemente perto.

E talvez hoje o Senhor nos repita:

“Conheço as tuas obras...”

Não para nos destruir.

Mas para nos despertar.

Porque ainda vamos a tempo.

Ainda.

Enquanto houver desejo de voltar, há esperança.

Enquanto houver humildade, há caminho.

Enquanto houver arrependimento, há misericórdia.

Mas não brinquemos com o fogo da mediocridade espiritual.

Porque Cristo não veio para nos tornar simplesmente religiosos.

Veio para nos tornar santos.

E a santidade não começa quando deixamos de cometer pecados graves.

Começa quando deixamos de nos contentar em amar pouco.